

CIDADES E TURISMO CULTURAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

TOWNS AND CULTURAL TOURISM: SOME CONSIDERATIONS

Cristina Quartieiro Dalpiaz Soares ¹

RESUMO

A cidade, como emissora, tem um papel fundamental nas relações turísticas. Como receptora, tem feito com que turistas busquem nelas elementos culturais para o enriquecimento de suas rotas. Este fato tem despertado interesse dos setores econômicos quanto à divulgação de aspectos culturais presentes nas suas cidades para um possível aumento do volume de visitantes. A criação de identidades culturais para uma cidade vem se consumando como uma prática a qual pode se tornar vantajosa e alcançar objetivos econômicos, mas que tem um efeito devastador que impede a apropriação do espaço pelos cidadãos, pois estes podem não se reconhecer mais no lugar em que vivem. Partindo desse pressuposto, o artigo tem por objetivo fazer uma revisão bibliográfica sobre os temas cidade, urbano, cultura e turismo para analisar o que autores destacam sobre a problemática supracitada, visando encontrar respostas para estes questionamentos.

Palavras-chave: Turismo cultural. Cidade turística. Geografia, turismo e patrimônio cultural. Memória urbana. Paisagem urbana.

ABSTRACT

The town, as issuer, has a key role in tourism relations. As receiver, it has made tourists search for cultural elements in it to enrich their routes. This fact has accelerated the interest of economic sectors for the promotion of cultural aspects present in their towns for a possible increase in the volume of visitors. The creation of cultural identities to a town has been consummated as a practice which can become advantageous and achieve economic goals, but with a devastating effect preventing the appropriation of space by the citizens, because they cannot recognize themselves where they live. Based on this assumption, the article aims to review existing literature on issues such as town, urban, culture, and tourism to analyze what authors emphasize on the above issues, aiming to find answers to these questions.

Keywords: Cultural tourism. Tourist town. Geography, tourism, and cultural heritage. Urban memory. Urban Landscape.

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, atualmente professora no Instituto Federal Catarinense Câmpus Santa Rosa do Sul. Atuei como professora de Geografia no estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, licenciada em geografia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense e Especialista em Prática Intesdisciplinar do Ensino pela Uniasselvi.

INTRODUÇÃO

As cidades analisadas sob o ponto de vista socioespacial passam a ter papel fundamental na organização do espaço e nas relações turísticas, levando em consideração o fato de que as mesmas são consideradas o centro da economia, ou seja, o espaço onde se localiza a maior parte das atividades econômicas, assim como também a maior concentração de pessoas com renda.

Responsáveis pela emissão de turistas, movimento centrífugo que se origina nos centros urbanos e direcionam-se para as periferias. Essa característica provém da estreita associação entre o estilo de vida urbano e a procura turística, pois o ritmo de vida desgastante causado pela agressividade do ambiente da cidade justifica a evasão e desejo de retorno à natureza. Assim, coube, durante muito tempo, às cidades o importante papel de focos emissores de turistas.

Analisando mais atentamente, percebe-se que outros fatores, como o conteúdo social e demográfico das cidades, fazem com que as cidades adquiram características e se encaixem no modelo difusor de turistas, uma vez que a população urbana é, em regra, mais jovem e há nela grupos profissionais com maiores rendimentos em relação aos grupos das áreas rurais. Outro motivo é o fato de que o trabalho rural não permite uma autonomização tão evidente de um período de férias no decurso do ano como no trabalho da indústria e serviços (HENRIQUES, 1996).

A forte predileção de turistas por um conteúdo cultural em seus destinos vem despertando o interesse dos setores ligados ao turismo em desenvolver e preservar os patrimônios culturais das cidades para cada vez mais atrair maior volume de visitantes e assim gerar mais renda.

Nota-se que as cidades estão cada vez mais atrativas turisticamente, desenvolvendo, assim, algumas atividades lucrativas que as enriquece, conseqüentemente aumentando sua economia. Com este objetivo, o setor responsável pela dinamização do turismo utiliza-se dos seus patrimônios culturais para chamar a atenção do “grande público” para que venham conhecer e admirar aspectos de sua cultura. De tal modo, governantes de algumas cidades passaram a incentivar ou até criaram elementos que comprovam a identidade cultural que foi atribuída à cidade, todavia, tais elementos nem sempre correspondem com à realidade cultural das pessoas que ali vivem. Com base nisso, é necessário questionar qual seria a conseqüência desta prática e qual seria a solução para que o resgate cultural fosse o mais próximo da realidade.

Partindo desse pressuposto, este artigo tem por objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema cidade, urbano, cultura e turismo

para analisar o que os autores destacam sobre a problemática supracitada, visando encontrar respostas para estes questionamentos.

No primeiro tópico, será feita a abordagem da relação intrínseca existente entre as cidades e o desenvolvimento do turismo cultural, que busca na política da paisagem uma forma de ampliar ou tornar mais evidente a cultura que naquele lugar passa a ser difundida, quase sempre utilizada para a manutenção do *status quo*.

Posterior à abordagem, será feita uma análise da paisagem e seu significado no intuito de que o passado seja cada vez mais valorizado a fim de tornar as cidades objeto de consumo. Essa ressignificação está relacionada à cultura difundida.

O terceiro, refere-se à memória da cidade do urbano e do lugar. Pretende-se, então, analisar o que é memória, como ela pode ser resgatada e preservada, buscando consenso entre a população em suas várias classes sociais, o poder público e as consequências, em se tratando do lucro nas atividades turísticas.

1 Potencialidade turística das cidades.

A cidade apresenta não apenas o papel de emissora de turistas como também o papel de receptora. Segundo Henriques (1996), em 1990 a visita às cidades gerou um volume de saídas para o estrangeiro superior ao que foi produzido pelo turismo de montanhas e neve. Em circuitos turísticos realizados incluem-se visitas e estadas nas cidades, evidenciando, assim, que a importância do papel das cidades na organização dos fluxos turísticos não se restringe apenas à emissão de turistas, visto que há a recepção destes.

O pesquisador Henriques (1996) apresentou dados comprobatórios no tocante às cidades exercerem lugar de destaque na emissão recepção de turistas. O autor afirma ainda que a proeminência das cidades no espaço cognitivo e pelas vantagens que revelam a sua centralidade nas redes de transporte são fatores que favorecem a ação dos centros urbanos na geografia do turismo. No entanto, não são os centros urbanos por si só que constituem o elemento de atração turística, mas o que neles existem. Desta forma, é possível apontar duas categorias:

- *Atrações Primárias*: elementos como museus, monumentos e locais de valor histórico, eventos variados (acontecimentos desportivos, concertos e outras manifestações artísticas, feiras e exposições, congressos) ou certos trechos da paisagem urbana. Não se incluem a estes fatores de atração turística elementos naturais.

- *Atrações secundárias*: elementos de atração turística, inclusive os considerados “acidentais”, ou seja, elementos que por si só não justificam a viagem, mas que são usufruídos pelos turistas como cafés, restaurantes, qualidade do serviço hoteleiro, aparelho comercial diversificado e facilidades no domínio do entretenimento e recreação.

Essa classificação apresentada por Henriques (1996) é, ao mesmo tempo, por ele questionada, pois há imprecisão de valor universal, ou seja, o que para uns é acessório e acidental para outros pode ser fundamental. Há várias cidades que têm como vocação turística atrações consideradas secundárias, como Las Vegas cuja principal atração turística é o jogo e o divertimento, Andorra para franceses e espanhóis é atrativa para a atividade comercial, assim como é para os brasileiros sulistas a cidade de Rivera, no Uruguai, pelo comércio de produtos importados sem o custo de impostos.

O objetivo principal da classificação das atrações turísticas acima mencionada é chamar a atenção para a grande diversidade de recursos que o turismo urbano pode apresentar. Vale lembrar que é justamente a combinação destes que confere caráter atrativo aos destinos turísticos urbanos (HENRIQUES, 1996).

2 Potencial das cidades para o turismo cultural e a política da paisagem

Dentre mercados norte-americanos e japoneses, há uma forte predileção por valores culturais, assim há tendência de forte apreço de visitantes por elementos que dão forma ao turismo cultural e estes compõem, em grande parte, os produtos turísticos urbanos, enriquecendo ainda mais o potencial das cidades para este tipo de atividade.

O turismo nas cidades tende a desenvolver-se por mais uma condição: a cidade passa a ter novos significados nas representações mentais (RODRIGUES, 1992). Tende a valorizar hoje as dimensões imagéticas, ornamentais e cênicas do espaço urbano o que se traduz em um afastamento das concepções moderna e funcionalista da cidade. Por essa razão, a cidade deixa de ser vista apenas como um lugar de negócio de trabalho e passa a ser entendida como um lugar de ócio e lazer, objeto de consumo turístico e palco de experiência lúdica e cultural. Segundo Henriques (1996), vários autores têm defendido que a aposta e a valorização das funções turístico-culturais das cidades é uma resposta a um novo cenário econômico, que veem a possibilidade de aumentar empregos e receitas que provêm do consumo, forma de compensar os problemas decorrentes da desindustrialização.

Com base nesse cenário, percebe-se que o turismo se desenvolve

bem nas cidades e se as mesmas tiverem elementos culturais, melhoram a aceitação. Contudo, qual a relação existente entre a cultura e o urbano? Para Corrêa (2010), cultura e urbano são termos profundamente relacionados. A cidade, a rede urbana e o processo de urbanização constituem-se de expressões e condições culturais. Como expressões culturais citam-se as cidades do mundo árabe, medieval e colonial. Elas representam bem a cultura das pessoas que ali viveram no passado. Com relação a condição cultural os autores REDFIELD e SINGER (1954) classificam como cidade *ortogenética* a que obteve a criação interna a uma dada cultura (tem-se como exemplo as cidades cerimoniais da Antiguidade). Enquanto que a cidade *heterogenética* é aquela que foi criada por um grupo social externo àquele da área onde a cidade foi implantada, a exemplo, cita-se a cidade colonial.

As relações entre cultura e urbano são complexas e manifestam-se de diferentes modos. Para entender melhor essa relação, serão apresentadas, a seguir, três destas manifestações, conforme definição de Corrêa (2010).

I - Toponímia e identidade: Constitui-se uma importante marca e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. Nomear e renomear rios, montanhas, cidades, bairros e logradouros tem um significado político e cultural que envolvem etnias ou grupos culturais hegemônicos ou não. Cita-se como exemplo Casaquistão que mudou os nomes das cidades após a sua independência para ter o nome equivalente à língua casaque (BRUNET, 2001). Outro exemplo é o bairro da Tijuca, no estado do Rio de Janeiro, que foi habitado por população de status e que se difundiu espacialmente porque englobou bairros vizinhos cujos nomes caíram no esquecimento (Aldeia Campista, Fábrica das Chitas, Muda e Engenho Velho) patrocinado por promotores imobiliários.

II - A cidade e a produção de formas simbólicas: Segundo Scott (2011), as formas simbólicas “são bens e serviços com algum significativo conteúdo emocional ou intelectual, constituindo-se em instrumentos de entretenimento, comunicação, autovalorização (...) ornamentação e de posição social”, abrangendo entre outros filme, música, móveis de arte e roupas da moda.

As grandes cidades são os principais focos de produção de formas simbólicas, criadoras e recriadoras de novos significados e de valor integrados num processo de acumulação de capital (MITCHELL, 2000, SCOTT, 2001). Desse modo, com o objetivo de incrementar os negócios e promover a acumulação de capital, setores turísticos criam e recriam manifestações culturais que por vezes não têm nenhum significado para a população que ali habita, visando transformar em atrações turísticas para alcançar seus

objetivos econômicos.

A cidade, ela própria, é uma forma simbólica que foi criada ou transformada no intuito de criar valor, aquele contido nas próprias formas da cidade. As cidades de Blumenau, em Santa Catarina, e Gramado, no Rio Grande do Sul, dispõem de legislação urbanística que regulam a (re)construção de prédios, os quais devem exibir aspectos associados às específicas culturas, que são valorizadas para efeito turístico. Mostardas, também no Rio Grande do Sul, procura desenvolver-se como centro turístico, resgatando a sua origem açoriana, por meio da legislação urbanística que regula a (re)construção de prédios, os quais devem apresentar as características da arquitetura colonial portuguesa. A cidade de Nova Veneza, também em Santa Catarina, para consolidar a sua identidade italiana, instalou no centro da cidade uma gôndola importada de Veneza, com a intenção de torná-la um ponto turístico da cidade. Para Evandro Gava, prefeito de Nova Veneza, a chegada da gôndola foi um divisor de águas para o município.

Ela é um símbolo da mudança de visão da nossa cidade, da expectativa de uma ascensão turística. Então, a partir do momento que ela veio para este local [a praça], começaram pessoas do Brasil inteiro a vir conhecê-la (Evandro Gava prefeito de Nova Veneza em reportagem ao Bom Dia Santa Catarina).

III- A paisagem urbana e seus significados: A paisagem urbana permite múltiplas leituras a partir de diversos contextos histórico-culturais, envolvendo diferenças sociais, poder, crença e valores. Portanto, pode levar a uma série de significados e estes podem ser alterados, ampliados ou até criados porque a paisagem urbana pode conduzir a uma instabilidade de significados, havendo a inversão e a reciclagem de signos.

Segundo Corrêa (2010), a política da paisagem é um conjunto de práticas adotadas e direcionadas que para um determinado fim. Para Duncan e Duncan (1984), a política da paisagem é efetivada quando visa preservar o *status* de seus habitantes. Por essa razão, muitas vezes, são incluídas práticas de zoneamento excludentes que garantem a preservação do ambiente natural socialmente construído. Também são criadas normas de controle de *design* para antigas e novas construções e para a manutenção de baixas densidades de ocupação, preservando o valor simbólico contido na paisagem.

3 Ressignificação da paisagem urbana e a valorização do passado

A paisagem urbana é um produto do trabalho social, profundamente impregnada de relações sociais e conflitos. Não é, portanto, um produto de um indeterminado agente denominado cultura. Por intermédio daqueles que a controlam e definem, ela desempenha novos significados à tarefa de apagar ou minimizar as relações de conflito e, ao mesmo tempo, promove aquilo que seus controladores desejam, ou seja, transformam-na em produto espontâneo, natural e fruto de uma tradição da qual a harmonia social e o desejo de progresso são partes integrantes.

Ressignificada a paisagem urbana adquire valor simbólico, transformando-se em um tipo particular de mercadoria (MITCHELL, 2000), deste modo a paisagem urbana, ao mesmo tempo que cumpre o papel de mistificar a realidade social, viabiliza a circulação de capital, efetivando seu caráter político. Mitchell (2000) exemplifica o sentido político da paisagem com o Bairro Chinatown, em Vancouver, no Canadá. Este bairro é uma área turística e sua imagem de bairro salubre, seguro e exótico é resultado de uma negociação entre os canadenses descendentes de europeus e os que vivem no bairro, os chineses.

Buscar os significados das paisagens urbanas faz refletir sobre quem e o que está vinculado a ela, a sua inserção na heterogeneidade cultural do país e qual a cultura que se mostra dominante no processo de construção, reconstrução e preservação da paisagem urbana. Todos estes fatores convergem para um processo de valorização do espaço, tendo em vista a utilização dos lugares pelo turismo, principalmente no que se refere ao patrimônio cultural como uma forma de valorizar e consumir o passado destas cidades.

A valorização do passado das cidades é uma característica comum às sociedades deste fim de milênio, isto se deve à transição vivida nos últimos tempos que visa só o futuro, tendência provinda do iluminismo. Vivendo em uma época de globalização, a sociedade está reorientando suas visões de mundo, vivendo mais o presente, desconfiando de que o futuro reserva e revalorizando o que já construíram no passado.

Abreu (1998) diz que o passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade dos lugares. Está materializado na paisagem, preservado em “instituições de memória”, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares. A busca da identidade do cotidiano dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente a busca de raízes, a busca do passado, que se levada a extremos pode ser perigoso. Como afirma Lowenthal (1996), as cidades podem acabar “possuídas pelo passado”, o que resulta não raro na distorção da história e em conflito social.

O Brasil é um país de cidades novas, ou seja, poucas são as cidades bra-

sileiras que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado. Até a cidade de Rio de Janeiro, uma das cidades mais antigas, considerada “corredor cultural” pelas edificações da área central construídas na virada do século XIX, foi construída sobre outras no mesmo lugar, nem o núcleo histórico existe mais, foram demolidos juntamente com o desmonte do Morro do Castelo em 1922. Assim como Rio de Janeiro, as cidades como Olinda, Salvador e Ouro Preto tiveram dificuldades em preservar o patrimônio histórico ali existente pela falta de interesse preservacionista do local. Não é comum encontrar vestígios materiais do passado, deste modo há o engajamento decisivo em direção ao movimento de preservação destas rugosidades² que aparecem no espaço, indicando que a sociedade brasileira está mudando a forma de relacionamento no que compreende a sua memória (ABREU, 1998).

Atualmente, o passado das cidades está sendo revalorizado. A preservação, a recuperação e a restauração dos bens que sobraram nas paisagens urbanas é meta de muitos agentes, principalmente os governos municipais, inclusive os de cidades que são relativamente. Nestas, já foram adotadas práticas de preservar os vestígios de sua história. As tentativas nem sempre estão sendo bem sucedidas, pois um tombamento poucas vezes vem acompanhado da adoção de medidas que incentivem os proprietários e os inquilinos, no que diz respeito à preservação de imóveis tombados (SANTOS, 1996).

A mudança que caminha para o preservacionismo passou a ocorrer desde que se descobriu que a imagem urbana é uma mercadoria e que, a partir dela, é possível gerar lucro com o turismo. Isto explica por que as cidades europeias voltaram a ter uma configuração de burgo medieval murado para atrair a atenção dos visitantes, como cita Abreu (1998).

4 Memória urbana, memória da cidade e lugar.

O que não pode ser esquecido é a importância de se buscar a “memória urbana” para a constituição da identidade de um lugar, pois esta deve ser entendida como elemento essencial. Para Milton SANTOS (1994), o lugar é a extensão do parecer solidário. Neste sentido, a memória de um lugar é a memória coletiva das pessoas que vivem nele, então individualmente cada um com suas lembranças poderá contribuir para a recuperação da memória das cidades. Abreu (1998) alerta para o fato de que a memória individual é um tanto subjetiva, podendo haver distorções entre o “espaço

2 As rugosidades são definidas por Milton Santos como as formas do passado, as estruturas espaciais pretéritas, a forma, o espaço construído na paisagem: “o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares” (SANTOS, 2002).

real” e o “espaço da memória”, que perdem valor pela subjetividade. O autor assinala que o resgate da memória das cidades deve ser objetivo.

Segundo HALBWACHS (1990), a memória tem uma dimensão individual, entretanto muito de seus referentes são sociais e são eles que permitem que haja uma memória coletiva, esta envolve memórias individuais, lembrando que a memória coletiva evolui de acordo com suas próprias leis. Então para Halbwachs, ela é um conjunto de memórias construídas socialmente e referenciadas por um conjunto que transcende o indivíduo, ou seja, está ligada ao grupo de que ele faz parte.

Outro ponto importante, que caracteriza a memória coletiva, é seu caráter de transformação, sendo que isto acontece porque o grupo que guarda a lembrança vai desaparecendo e com eles vão também partes destas lembranças. Uma forma de eternizá-las seria registrando-as na forma de memória histórica. Para Halbwachs (1990), o registro em documentos destas memórias se eterniza muito mais do que em formas escritas na paisagem, pois os registros permitem contextualizar os testemunhos do passado que restaram na paisagem.

Estes registros são importantes pelo fato de que a cidade não é um local de vivências homogêneas, o que houve fora relações sociais, que pode ser de dominação, de cooperação e de conflitos, variam tanto no tempo quanto no espaço. Coexistem inúmeras memórias coletivas e nem todas conseguiram ser registradas e se perderam com o tempo sem estar materializadas na paisagem. Então, o que subsiste são apenas fragmentos das memórias coletivas que a cidade produziu. Estes fragmentos estão ligados à estrutura de poder. As classes mais altas são as que construíram objetos mais duráveis e foram eles que criaram as instituições de memória. Estes foram estabelecidos justamente para guardar as lembranças que aqueles que as instituíram consideravam mais importantes.

Por meio das dificuldades apresentadas questiona-se se seria possível recuperar a memória de uma cidade. Abreu (1998) acredita que seria praticamente impossível recuperar a memória de uma cidade se isto representar a totalidade das memórias coletivas que existe nela. Porém, há a possibilidade necessária e urgente de resgatar muitas memórias da cidade garantindo, assim, às gerações futuras um lastro de memória importante para a sua identidade. Partindo desse pressuposto, faz-se necessário entrar nos campos mais seguros como o da Geografia e o da História, para se fazer estes resgates.

A história apresenta algumas vantagens sobre a memória: A primeira é que a história tem um comprometimento com a verdade: trata-se de uma operação intelectual laicizante que segue um método científico e que

é posta à prova continuamente. A segunda, é que a história está sempre colocando em xeque as memórias, ajudando-as a retificar suas omissões e erros (ABREU, 1998).

É preciso reconhecer, antes de tudo, que qualquer vestígio do passado não é neutro. Deve-se contextualizar o vestígio, saber quem o produziu, quando e se possível questionar com que objetivo foi produzido. É importante não aceitar como definitiva qualquer interpretação já dada sobre o passado.

A história de um lugar é o resultado da ação, num determinado momento e sobre um determinado espaço, de processo que atuam em escalas que são ao mesmo tempo desiguais e combinadas. Não cabe aos pesquisadores ater-se a processos puramente locais, é preciso relacioná-los a processos mais gerais, que atuam em escalas mais amplas como regional, nacional e global da ação humana, num processo reflexivo observando as singularidades do local (ABREU, 1998).

A memória da cidade e a memória urbana, embora sejam termos imprecisos, referem-se “não a capacidade de lembrar dos indivíduos ou grupos, mas ao estoque de lembranças que está eternizado na paisagem ou nos registros de um determinado lugar” (ABREU, 1998).

O autor (1998) sugere que se faça uma distinção entre as duas expressões:

[...] a “memória urbana”, ao que posso ver trata do estoque de lembranças do modo de vida urbano *per se*, sem obrigação de relacioná-lo a uma base material particular, a um lugar específico, e a “memória da cidade”, que referencia obrigatoriamente estas mesmas lembranças a uma base material precisa de um determinado lugar (ABREU, 1998).

Compreende-se que a história tem importante papel para o resgate do passado de um lugar, no entanto, como mergulha no tempo reavaliando e contextualizando referenciais que deram suporte aos vestígios que sobreviveram dos tempos antigos, acaba recuperando o tempo e perdendo lugar, neste caso recupera-se a “memória urbana”, mas, perde-se a “memória da cidade”. A solução para este empasse é aliar a base segura da história ao esteio da geografia nas pesquisas referentes à memória das cidades.

A história do urbano, neste contexto, seria a história das atividades que se realizam na cidade, e não em uma determinada cidade, mas no ambiente urbano de um modo geral. Abrangeria a história do emprego não

agrícola, das classes urbanas, da divisão do trabalho entre cidade e campo, enfim, a socialização na(s) cidade(s). Já a história das cidades seria a história dos processos sociais que se materializam de forma mais objetiva, a história dos transportes, a história da propriedade, da especulação, da habitação, do urbanismo e da centralidade (SANTOS, 1994).

É importante recuperar, além da história urbana e da história da cidade, a história do lugar, ou seja, daquela determinada cidade, pois esta é a síntese de como as coisas se empirizaram como materialidade e como ação humana, não como espaço geográfico de um modo geral, mas naquele lugar. Por isso, a história de uma determinada cidade não dispensa, portanto, a análise da dimensão única, ideográfica de lugar. Ao contrário, se abandonada essa dimensão, é possível recuperar o urbano, todavia não a cidade que se quer estudar. O inverso também é verdadeiro. Se atenção estiver voltada apenas às singularidades do lugar, não será possível contextualizá-lo frente a outros lugares e se perderá, não no tempo, mas nas rugosidades do espaço (ABREU, 1998).

As rugosidades são bem representadas pela materialidade presente em centros antigos de diversas cidades e têm suas funções ressignificadas pela indústria do turismo (COSTA, 2010).

O trabalho, a busca do salário, do lucro e da renda que estabelece a marca de humanidade sobre o espaço, o ócio, lazer e o tempo livre também são produtores ou catalizadores da dinâmica espacial de forma acelerada pelas novas possibilidades técnicas, científicas e informacionais que se concentram nas cidades (COSTA, 2010).

O espaço é constituído por toda a sociedade, porém é normatizado pelo poder público, uma minoria que representa a sociedade. Este se utiliza do patrimônio cultural das cidades, do espaço do cidadão como mercadoria. Segundo Costa, isso pode acarretar o colapso do sistema dinâmico e complexo que é a cidade. Quando agentes afoitos, imediatista, desinformados visam unicamente objetivos financeiros, apropriam-se de forma negligente pelo turismo, acabam negligenciando as sociedades e os lugares.

5 CONCLUSÃO

O trabalho, a busca do salário, do lucro e da renda que estabelece a marca de humanidade sobre o espaço, o ócio, lazer e o tempo livre também são produtores ou catalizadores da dinâmica espacial de forma acelerada pelas novas possibilidades técnicas, científicas e informacionais que se concentram nas cidades (COSTA, 2010).

O espaço é constituído por toda a sociedade, mas é normatizado

pelo poder público, uma minoria que representa a sociedade, este se utiliza do patrimônio cultural das cidades, do espaço do cidadão, como mercadoria, e isto segundo, Costa pode acarretar o colapso do sistema dinâmico e complexo que é a cidade quando esta é apropriada de forma negligente pelo turismo, organizada por agentes afoitos, imediatista e desinformados, que visando seus objetivos financeiros acabam por negligenciar as sociedades e os lugares.

O registro da memória urbana e da memória da cidade deve ocorrer de maneira cautelosa com os recursos da geografia e da história para o resgate da cultura local. Esta é importante também ser entendida não como algo estático, mas como dinâmico que vem se modificando no decorrer dos tempos com a inserção de diversas culturas caminhando por trajetos que levam a multiculturalidade, e criar uma cultura ou resgatar algo que já foi esquecido e modificado pode acarretar uma falta de reconhecimento do espaço pelos que ali vivem.

Quando a população não se reconhece no espaço em que vive corre o risco de perder o interesse pelo lugar, habitando nele sem se interessar pela sua permanente construção e reconstrução, impossibilitando a apropriação do espaço.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Maurício de Almeida. *Sobre a Memória das Cidades*. Revista Território, ano III, nº4, jan./jun. 1998.

BRUNET, R. *Hauts Lieux et Mauvais Lieux du Kazakhstan*. L' Espace Géographique. p. 37-52. 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. *A Geografia Cultural e o Urbano*. In: ROSENDAL, Z. CORRÊA, R. L. *Introdução à Geografia Cultural*. Bertrand do Brasil, 2010.

_____. *A Dimensão Cultural do Espaço*. NEPEC – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

COSTA, Everaldo Batista. *A Concretude do Fenômeno Turismo e as Cidades- Patrimônio - Mercadoria*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

DUNCAN, J e DUNCAN, N. *A Cultural Analysis of Urban Residential Landscapes in North América: The Case of the Anglophile Elite*. In: *The City in Cultural Context*, org. J. Agnew, J. Mercer e D. Sopher. Winchester: Allen & Unwin, 1984.

BOM DIA SANTA CATARINA. Após restauração gondola é recolocada na praça de Nova Veneza. [16 junho 2014] RBS TV, Santa Catarina, junho

de 2014. Jornal televisionado. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2014/06/apos-restauracao-gondola-e-recolocada-em-praca-de-nova-veneza.html>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HENRIQUES, Eduardo Brito. As Relações entre Turismo e Cidade. In: HENRIQUES, E. B. *A Lisboa Turística: Entre o Imaginário e a Cidade*. Edições Colibri, 1996.

LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MITCHELL, D. *Cultural Geography: A Critical Introduction*. Oxford: Blackwell, 2000.

REDFIELD, R., SINGER M. “*The cultural Role of Cities*”. *Economic Development and Cultural Change*, 31(1), p. 53-73.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. *Preservar não é tomar. Renovar não é por tudo a baixo*. Revista Projeto 86, São Paulo, 1986.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.

_____, *Técnica, Espaço, Tempo: A Globalização e o Meio Técnico-científico Informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCOTT, A. J. *Capitalism, Cities and the Production of Symbolic Forms*. *Transactions of the Institute of British Geographers*. p. 10-23, 2001.

Recebido em 15/02/2016

Aprovado em 23/05/2016